

Quando causalidade e modalidade se combinam

Augusto Soares SILVA

Causalidade e modalidade são categorias conceptuais distintas e complexas, com expressões lexicais e gramaticais diversas e produtivas nas línguas e uma longa tradição na literatura filosófica e linguística. Apesar de serem noções bem diferenciadas uma da outra, não raramente se combinam. Este estudo procura responder às seguintes questões: (i) como se combinam as categorias de causalidade e modalidade, (ii) porque se combinam estas duas categorias semânticas e (iii) a relação entre ambas as categorias é simétrica ou assimétrica.

Analisaremos dois domínios de combinação de causalidade e modalidade: os verbos modais (Oliveira & Mendes 2013), quer os verbos semiauxiliares modais (*poder, dever, ter (de), haver (de)*) quer alguns verbos plenos modais, designadamente os verbos permissivos e os verbos impeditivos, e uma subcategoria da voz média em português, designada como “média caracterizadora” (Duarte 2013) e que as gramáticas de referência do português tomam como preenchendo a totalidade da voz média na língua portuguesa (Silva & Afonso 2021, com posição diferente).

Os verbos modais exprimem também dois padrões de causalidade ou causação. Por um lado, a causação coerciva de tipo ‘fazer’ exprime-se ora no mundo social nos modais deônticos de obrigação (*dever, ter de, obrigar*) ora no mundo mental nos modais epistémicos de necessidade (*dever, ter de, precisar de*). Por outro lado, a causação *negativa* de tipo ‘deixar’ (Silva 1999, 2007) instancia-se ora no mundo social nos modais deônticos de permissão (*poder, permitir, autorizar*) ora no mundo mental nos modais epistémicos de possibilidade (*poder, permitir, possibilitar*). Esta semelhança de padrões entre a obrigação e a necessidade epistémica e entre a permissão e a possibilidade epistémica motiva a polissemia regular dos verbos modais em português e em muitas outras línguas, em que um mesmo verbo apresenta sistematicamente usos deônticos e usos epistémicos.

A construção média *caracterizadora*, porque denota uma propriedade inerente do referente designado pelo sujeito gramatical, ou *potencial*, na medida em que essa propriedade inerente do sujeito permite que determinado evento possa vir a ocorrer, como em *X lê-se/bebe-se/lava-se bem/mal*, exprime modalidade do padrão da possibilidade epistémica e causalidade do tipo ‘deixar’ (ver Davidse & Heyvaert 2007

e Palma Gutiérrez 2022 sobre a construção média em inglês). A modalidade da possibilidade e a causalidade do tipo ‘deixar’ são agora expressos, não por um verbo modal, mas por uma construção de *se*.

Causalidade e modalidade combinam-se nestes dois casos porque estas duas categorias partilham o modelo cognitivo comum de *dinâmica de forças* (Talmy 2000), isto é uma oposição de forças e contraforças. Mais especificamente, uma oposição de forças entre uma entidade que exerce força (*Agonista*) e que apresenta uma tendência intrínseca de força ora para o movimento ou para o repouso e uma entidade que exerce uma contraforça (*Antagonista*); e o resultado desta interação de forças é ora a ação ora a inação do Agonista. As forças e as barreiras, ubíquas no mundo físico, são metaforicamente projetadas no mundo social e moral das relações interpessoais e das normas sociais e no mundo mental do raciocínio e das inferências. Assim, a *força coerciva* está na base da causalidade do tipo ‘fazer’ e da modalidade da obrigação e da necessidade epistémica, ao passo que a *força não impeditiva* está na base da causalidade do tipo ‘deixar’, da modalidade da permissão e da possibilidade epistémica e da construção média caracterizadora ou potencial.

Sobre a relação entre as duas categorias, verifica-se uma assimetria relativa: é a modalidade que mais natural e frequentemente se combina com a causalidade e esta assimetria modalidade > causalidade resulta do facto de a modalidade dizer respeito à realidade *potencial* (Langacker 2008: 306) e não à realidade factual nem à realidade projetada. No entanto, o desenvolvimento diacrónico do verbo causativo *deixar* (Silva 1999) mostra uma evolução semântica da causalidade para a modalidade.

Referências:

- Davidse, K. & Heyvaert, L. (2007). On the middle voice: An interpersonal analysis of the English middle. *Linguistics* 45(1), 37-83.
- Duarte, I. (2013). Construções ativas, passivas, incoativas e médias. In: E. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura & A. Mendes, *Gramática do Português*. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 427-458.
- Langacker, R. W. (2008). *Cognitive Grammar. A basic introduction*. Oxford: Oxford University Press.

Oliveira, F. & Mendes, A. (2013). Modalidade. In: E. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura & A. Mendes, Gramática do Português. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 623-669.

Palma Gutiérrez, Macarena (2022). A family-resemblance analysis of the middle construction: a functional-cognitive approach. PhD Dissertation. Córdoba: Universidad de Córdoba.

Silva, A. S. (1999). A Semântica de DEIXAR. Uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica Lexical. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Silva, A. S. (2007). Verbs of letting: Some cognitive and historical aspects. In: N. Delbecque & B. Cornille (eds.), On Interpreting construction schemas. From action and motion to transitivity and causality. Berlin: De Gruyter, 171-200.

Silva, A. S. & Afonso, S. (2021). Construções reflexiva, recíproca e média de clítico nulo no português brasileiro: reconceptualização de eventos e emergência de uma nova construção. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto - N.º Especial – 2021, 151-186.

Talmy, L. (2000). Toward a Cognitive Semantics. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.